



Editorial: A escrita autoteórica como procedimento feminista

Resumo: O texto apresenta ao leitor os trabalhos que integram o dossiê “A escrita autoteórica como procedimento feminista”, destacando o modo como essas reflexões aprofundam, questionam ou exploram o fenômeno autoteórico como um procedimento viável, seja no campo ficcional, com a escrita de autoria feminina, seja no mais estritamente filosófico, com as teorias feministas e *queer*.

Palavras-chave: Editorial; feminismos; autoteoria.

Desde meados do século passado, pelo menos, tem havido, por parte de diversas intelectuais, esforços sistemáticos de autodefinição do que seria ser mulher, empenho efetivado, muitas vezes, por meio de delimitações mais restritas referentes a raça (ser mulher negra, indígena), classe (ser mulher trabalhadora, periférica), gênero (ser mulher cis ou trans) e sexualidade (ser mulher lésbica, bissexual) – ou, ainda, o atravessamento entre elas (Lorde, 2023 [1980]). A necessidade de autodeterminação desses agrupamentos, ainda que tenha produzido, eventualmente, retratos coerentes e uniformes de conjuntos internamente heterogêneos, foi assumida e justificada em virtude de razões, sobretudo, político-sociais: pela importância, como diz Patricia Hill Collins (2019 [1990]) de estabelecer “espaços seguros” a partir dos quais grupos oprimidos pudessem não apenas se autodefinir, mas expressar sua voz e, com isso, criar mecanismos de resistência, individuais e coletivos, à opressão das definições de fora atribuídas pela ordem dominante. Essa iniciativa, contudo, suscita uma série de problemas que não são fáceis de lidar, relacionados ao estatuto epistemológico de uma forma de conhecimento de si e do mundo localizada, particular e consciente dos impasses dessa situação.

Em artigo publicado na *Signs: Journal of Women In Culture and Society* (1993 [1986]), Sandra Harding lança uma questão que nos permite considerar esse esforço de autodefinição proposto por Hill Collins por outro prisma, quando ela se pergunta: é possível estabelecer

uma epistemologia feminista? Se a categoria do “homem universal e essencial” como pressuposto da elaboração científica moderna se revelaria um engodo, uma teoria feminista unificada e coerente não repetiria os mesmos erros e presunções do pensamento ocidental? Para refletirmos junto à escritora Virginia Woolf, em sua defesa da instauração de uma mente andrógina algumas décadas antes de Harding, essa atitude uniformizante pode ser entendida como uma forma de aderir à sanha da linguagem masculina de se colocar exclusivamente na posição de sujeito, de nomear e, com isso, objetificar o feminino e o outro (Pinho, 2014). Teóricos do pensamento *queer* têm levado adiante essa recusa de uma delimitação unidirecional torcendo ainda mais o argumento em favor do abandono das definições estanques que acompanham o conceito de “identidade”, a fim de permitir o movimento constante e fluido entre o familiar e o estranho, o dentro e o fora, direcionando um olhar de fato produtivo a este ponto delicado das existências de sujeitos que performam gêneros e sexualidades consideradas fora da norma; um lugar de difícil demarcação onde “[...] o limite do guarda-chuva cede lugar à amplitude do espaço aberto” (Nelson, [2015] 2017, p. 83).

Com este dossiê, reunimos artigos que refletem sobre o lugar da escrita como forma de dar sentido às experiências, sempre plurais, da mulheridade, como esforço de autodefinição ou como aposta na dispersão. Como avaliou Judith Butler (1988) partindo da ideia de desbiologização do gênero (1949) proposta décadas antes por Simone de Beauvoir, os gêneros são “atos formadores” instituídos por certa “estilização” do corpo que, em sua natureza iterativa e performática, produzem identidades ilusórias. Com isso, a autora nega o caráter ontológico do gênero, o que possibilita outras repetições e performances para além de sua relação com a sexualidade. Nesse sentido, consideramos acertado o argumento de Lauren Fournier (2021) que considera a autoteoria um modo de reflexão extremamente útil ao pensamento feminista, à medida que escapa às ambições de universalização sem abrir mão da acuidade conceitual. Assim, a potencialidade mutável e imprevisível do gênero é tomada, aqui, como impulso teórico, estimulando formas de narrar que não interdita a circunstância particular da enunciação, mas reverberam, como crava Hartman (2022), “a língua fugitiva dela”. No processo de compor-se e inventar-se narrativamente, o ato da escrita assume afinidades produtivas com a própria ideia de gênero em sua dimensão performática.

O primeiro artigo deste dossiê, intitulado “Mi clase, mi género, mi dolor: La escri(a)tura drástica y la vulnerabilidad en los nuevos remolinos del ‘boom femenino’ en América Latina”, de Patricia A. Gwozdz, articula de modo exemplar dois movimentos críticos: o teórico, ao testar a produtividade de conceitos, como “capitalismo *gore*” (Valencia), “*écriture féminine*” (Cixous) e “drástico” (Dath), e o analítico, por meio de uma leitura próxima dedicada a textos ficcionais de escritoras, como Clarice Lispector, Fernanda Melchor e Pilar Quintana. Gwozdz afirma haver aí um novo “*Boom latino americano*”, ou melhor, um “*Big Bang*”, impulsionado por uma forma particular de escrita, a “escri(a)tura do drástico feminino”, na qual a exposição narrativa da violência (sexual, de classe e de gênero) e da dor expressaria uma vulnerabilidade compreendida não como fraqueza, mas como resiliência e inventividade na maneira como as mulheres lidam e compartilham seu sofrimento. Em seguida, Irene Viveiros de Castro, em “Transbordamentos: a feminidade equívoca de Anne Carson”, se debruça sobre as ambiguidades provenientes da elaboração da figura do feminino em ensaios de natureza acadêmica e literária da classicista e poeta canadense Anne Carson. Em um primeiro movimento, o artigo discute a posição acadêmica à margem e sempre fronteira da escritora em relação ao conhecimento científico, ao estabelecer pontes entre sua postura parcialmente subjetiva e a caracterização da figura feminina que desponta em suas pesquisas sobre a Antiguidade grega. Dessa discussão, a escritora parece coincidir e encarnar o feminino, ao contaminar e dissolver, com o transbordamento de seu interior, a paisagem da objetividade científica. Ao mesmo tempo, porém, em uma segunda direção, o artigo apresenta as ambiguidades dessa identificação de Carson com a figura da mulher. Por um lado, expõe-se as aproximações, realizadas pela pesquisadora em seus estudos, entre o imaginário da mulher e a noção de matéria na Antiguidade, das quais aparece uma imagem, um tanto inquietante, do feminino – contaminante e monstruoso, posto que marcada por sua informidade. E, por outro, explora-se a construção textual que Carson faz de si mesma como mulher, na qual os problemas da fragilidade dos limites (e a gestão deles) colocam em evidência uma perspectiva nada unívoca sobre a definição do feminino e sua relação com o gênero oposto.

A literatura portuguesa foi contemplada neste dossiê por dois textos instigantes. O primeiro deles, o ensaio “olhar o deixado escrito – Maria Velho da Costa e a desescrita da memória”, de Susana Vieira, analisa trechos do livro *Desescrita*, de Maria Velho da Costa,

propondo que, na quebra da expectativa quanto ao uso convencional da linguagem, há um modo produtivo de se pensar o feminino. Escritos durante a ditadura de Salazar – uma conjuntura que confere ao feminino uma atmosfera de violências intensificadas – os textos de *Desescrita* seriam uma tentativa de subverter a palavra entendida como ordem, subordinada às regras e convenções da linguagem, a fim de atribuir novos nomes e sentidos ao mundo. De certo modo, Vieira busca experimentar ela mesma essa forma desafiadora de escrita fugidia, explorando o desconforto do leitor ao promover um “boicote linguístico” e convidando-o a repensar estruturas aparentemente evidentes. Partindo do mesmo contexto histórico que o artigo anterior, Juliana Sant Ana Toivonen em “Uma casa em construção: a figura “casa” na poesia de Maria Teresa Horta durante o período salazarista em Portugal” trabalha o signo poético da “casa” e sua significação polivalente na obra da poeta portuguesa Maria Teresa Horta. A partir de uma análise próxima de sua produção poética, Toivonen discute como a escritora desloca os sentidos e empregos usuais da imagem, presentes em obras da literatura portuguesa, trazendo à tona tanto o caráter opressor do símbolo para a condição feminina, reforçado no ambiente moralista do regime ditatorial salazarista, como sua subversão. Assim, a “casa” torna-se o lugar possível da criação e expressão poética de um “eu” – de sua intimidade e de seu erotismo – como resistência pública. É na tensão entre esses dois pólos que a imagem adquire formas diferentes, funcionando como um poderoso instrumento de contestação política.

No artigo “O assombro de estar viva: processo criativo, aparição e comunidade”, de Juliana Ben Brizola da Silva, a iminência da morte e a dimensão onírica atuam como horizonte teórico e prático para a atividade da autora enquanto artista e pesquisadora, na intersecção entre antropologia e arte. Um evento drástico é o fio condutor desse texto de gênero aberto, atravessado por trechos de poemas, pela discussão teórica sobre agência humana e não humana, pela compreensão dos sonhos segundo cosmologias indígenas, por registros da participação da autora em coletivos de artistas e por imagens. O que conecta todas essas dimensões, contudo, é a inscrição de Brizola da Silva na narrativa, um eu que, conforme vive, também pensa e cria, convidando o leitor a participar desse movimento. Uma forma distinta de se explorar a escrita de si foi desenvolvida por Sabrina Ferraz Fraccari e Thaíne Fernanda Sell no texto “Rebeldia e insubmissão em Rita Lee: Uma autobiografia (2016)”. As autoras analisam a narração da trajetória da artista do *rock* brasileiro por ela

mesma e a maneira como, de suas histórias e percepção de si, surge uma figura contestadora e rebelde em relação aos padrões de gênero impostos à mulher (especialmente no contexto da ditadura militar), ainda que à revelia de sua autoidentificação como feminista. Com efeito, o artigo argumenta como a escolha da artista em se reconhecer, no limite, apenas como uma “feminista gauche” deixa aparecer sua aversão por ser definida de forma rígida, o que se dá a ver também em sua opção por narrar seu relato de vida de modo não-romantizado e irônico.

A perspectiva queer foi contemplada neste dossiê com o artigo “Espaços e corporalidades *queer* em duas obras de literatura ficcional”, de Marcos Sardá-Vieira, no qual o autor, tomando como ponto de partida a consideração sobre a organização material heterocispatriarcal das cidades, informada por políticas cisgênero discriminatórias, discute dois livros de contos, *Entre Nós*, organizado por Luiz Ruffato (2007) e *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes*, organizado por Claudia Dugim (2020), pelo potencial que ambos têm de imaginar mundos mais abrangentes à experimentação de modos de vida diversos. No caso da primeira coletânea, o autor chama atenção para o esforço do organizador da obra de resgatar do passado da ficção brasileira (desde o final do século XIX e quase chegando ao XXI) histórias com temáticas do universo LGBTQIAP+. Destaca, porém, que frente à manutenção da representação de estruturas urbanas convencionais, as personagens com orientações, desejos e práticas entendidas como desviantes no cotidiano retratado são relegadas, na ficção, à marginalidade e à precariedade na ocupação do espaço moral e físico da cidade. Já na segunda coleção de contos, o recurso ao fantástico e ao utópico possibilita a articulação de narrativas que desconformam e desmaterializam a estrutura que organiza convencionalmente o urbano, oferecendo para a imaginação não apenas maneiras variadas de experienciar o corpo, a identidade de gênero e a relação com os outros em geral, como também diferentes espacialidades e arranjos técnico-materiais.

Por fim, na seção “conexões” temos a satisfação de publicar o ensaio “Indagações de Abertura”, no qual Luiz Costa Lima, uma vez mais, lida com o “fantasma da mimesis”, por ele descrito como uma espécie de “portão escaldante” frente ao qual se posiciona com cautela. Interessa-o, aqui, pensar a especificidade do poético diante de outras formas de discurso, que não escapa, como avalia, ao jogo complexo entre expectativa e observação que conforma a vida cotidiana dos sujeitos pertencentes a uma cultura. No entanto, esse “*mental set*”, Costa Lima adverte, explica só em parte a “ilusão” (Gombrich) que se cumpre nas artes,

de modo geral, e nas ficções verbais poéticas, especificamente. Apoiado em autores como Jakobson e Tomachevski, o crítico atesta que o verso, unidade formada pelos aspectos fônico e sêmico, não descreve uma realidade, i.e., não há algo como o evento, de um lado, e a verbalização, de outro. Ao contrário, a ficção verbal é fruto de uma “estilização” e de uma “transformação” do acontecimento promovidas pelo sujeito, de modo que nem se pode falar de uma “poeticidade” pura, nem de um evento a priori. Portanto, o sentido dessa poeticidade, longe de ser exclusivamente estético, opera dentro de uma dinâmica de repressões e limites que Costa Lima explora no diálogo com Bandeira e Freud, e só se completa ao encontrar a figura do leitor, como aponta no final do texto ao acionar Iser.

Com isso, o leitor da Revista Eutomia encontrará nos textos aqui reunidos um rico material dedicado a pensar a escrita (auto)teórica e ficcional, as formas de narrar a experiência em textos de autoria feminina, a categoria do gênero como elemento desestruturador dos binarismos e a natureza da poesia. Esperamos que apreciem a leitura.

Editores:

Clarissa Mattosⁱ

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Patrícia Reisⁱⁱ

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sueli Cavendishⁱⁱⁱ

(Universidade Federal de Pernambuco)

Fatiha Dechicha Parahyba^{iv}

(Universidade Federal de Pernambuco)

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. 2v.

BUTLER, Judith. “Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.” *In: LORDE, Audre et al. Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Heloísa Buarque de Holanda (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro* [recurso eletrônico]: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOURNIER, Lauren. *Autotheory as feminist practice in art, writing, and criticism*. Cambridge: The MIT Press, 2021.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 1, 1993.

HARTMAN, Saidiya. "A trama para acabar com ela". *Revista Serrote*, n. 40, IMS, 2022.

LORDE, Audre. "Não existe hierarquia de opressão". *In: LORDE, Audre et al. Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Heloísa Buarque de Holanda (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LORDE, Audre. "Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença." *In: LORDE, Audre et al. Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

NELSON, Maggie. *Argonautas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PINHO, Davi Ferreira de. *Imagens do feminino na vida e obra de Virginia Woolf*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ⁱ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), na linha de pesquisa História da cultura, da cultura científica e historiografia. Pesquisa as figurações do afeto amoroso elaboradas em textos ficcionais, científicos e filosóficos, especialmente na história moderna ocidental.

E-mail: clamfarias@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9983-9214>

ⁱⁱ Professora Adjunta de Teoria da História do Departamento de História e Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ICHS/UFRRJ). Dedicou-se ao estudo da obra de Erich Auerbach e da Dantologia alemã da primeira metade do século XX.

E-mail: reis.patricia@ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0884-8738>

ⁱⁱⁱ Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Letras.

E-mail: sdishly@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0589-5400>

^{iv} Professora da Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Letras (Licenciatura em Língua Inglesa). Professora no Mestrado Profissional em Letras-Profletras da UFPE. Doutorado em Linguística pela UFPB e Pós-doutorado na UFC. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (GEPLA) e do Grupo Historicidade dos Textos e Ensino de Língua (HISTEL).

E-mail: fatihadpb@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5945-4029>



Eutomia, direitos autorais de Clarissa Mattos; Patrícia Reis; Fatiha Dechicha Parahyba; Sueli Cavendish, 2025, licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).